

A importância da avaliação e o diagnóstico multidisciplinar para famílias de crianças com transtorno de comunicação e comportamentais

breve reflexão

Brasília Maria Chiari

Como citar: CHIARI, Brasília Maria. A importância da avaliação e o diagnóstico multidisciplinar para famílias de crianças com transtorno de comunicação e comportamentais. *In:* GIACHETI, Célia Maria (org.). **Avaliação da fala e da linguagem:** perspectivas interdisciplinares em Fonoaudiologia. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020. p.149-154.
DOI: <https://doi.org/10.36311/2020.978-65-86546-87-3.p149-154>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de Marília



**CULTURA
ACADÊMICA**
Editora



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

A IMPORTÂNCIA DA AVALIAÇÃO E O DIAGNÓSTICO MULTIDISCIPLINAR PARA FAMÍLIAS DE CRIANÇAS COM TRANSTORNOS DE COMUNICAÇÃO E COMPORTAMENTAIS — BREVE REFLEXÃO

Brasília Maria CHIARI

A proposta deste texto é fazer uma reflexão sobre o tema, considerando três instâncias importantes, após a realização do processo de avaliação e do diagnóstico multidisciplinar, para as famílias de crianças com distúrbios de comunicação e comportamentais.

A primeira diz respeito às dificuldades, mudanças e sentimentos acarretados pelo diagnóstico na vida diária das pessoas. Ver o futuro idealizado desmoronar, percebendo algo diferente na criança.

A segunda diz respeito à negação diante das constatações e inquietudes que geram um revés diante da realidade.

A terceira remete às repercussões que o diagnóstico traz para a vida da criança e da família. Muitas questões surgem, tais como: existe tratamento para o problema? Onde encontrar ajuda para solucioná-lo ou minimizá-lo? Como será a vida daí em diante, como será a sua participação na vida em sociedade, integração na vida escolar, laboral, inserção socioeconômica e cultural? Será possível comunicar-se, ter uma vida independente e autônoma no futuro?

O enfrentamento dessas situações pode gerar na família sentimentos de tristeza, angústia, medo, estresse, tensão, raiva, confusão.

A incerteza diante do desconhecido mobiliza para a busca de alguma solução para o problema, para a busca de estratégias, de elementos facilitadores diante desse impasse. Muitas soluções surgem no dia a dia e vão se convertendo num rol de possibilidades, elementos de superação que fortalecem o papel da família. Na realidade, cada um dos familiares converte-se em artífice nessa construção e juntos podem crescer, evoluindo, contribuindo com sua condição de receber e doar.

Transtornos de comunicação e/ou comportamentais afetam a família de formas diferentes, com intensidades diferentes, determinando peculiaridades relacionais.

A linguagem é o marco mais importante na vida de qualquer ser humano, é o processo que permite se reconhecer como indivíduo numa sociedade, que permite independência, liberdade. A linguagem é a ponte para que o conhecimento organizado, a partir das experiências, seja transformado, seja veiculado na comunicação. A construção do conhecimento se dá por etapas com foco em diferentes facetas, e a relevância dos acontecimentos é uma delas. A atenção compartilhada, os processos de análise e síntese permitem apreender o mundo, e os processos de aprendizagem se constroem para enfrentá-lo de forma peculiar para cada um.

A estimulação da linguagem ocorre com diferentes interlocutores, de formas diferentes e em diferentes situações. Em cada fase do desenvolvimento existem habilidades e competências adquiridas na relação com o outro.

Afeto, amor e atenção são primordiais no primeiro ano de vida. Esses sentimentos são propiciados pelo contato, pelas brincadeiras,

fatores de proteção no primeiro ano de vida da criança. A satisfação das necessidades básicas, o início das experiências e o conhecimento do mundo possibilitam o desenvolvimento do sentido básico de segurança.

Instalam-se os primeiros recursos da relação “eu” “tu”. A construção da linguagem ocorre desde os primórdios na relação com o outro. Neste momento, as reações da família diante do problema podem determinar ações estimuladoras ou limitadoras para o desenvolvimento.

Do primeiro ano de vida até os dois anos, a criança é movida pela curiosidade e independência. As ações devem ser pautadas pelo respeito, ponderação, colocação de limites, que lhe permitam construir referências para que possa ser livre ao longo da vida.

Dos dois aos cinco anos, as interações sociais aumentam, fortalece-se a autoestima, a criança é capaz de enfrentar tarefas e desafios. Afloram novos valores: merecimento e a aprovação. As experiências no mundo vivendo em grupo favorecem a organização do conhecimento, matéria-prima da linguagem expressada nas relações dialógicas. Nesta etapa, os transtornos comportamentais ficam mais evidentes, pois podem repercutir nas relações interpessoais da criança em desenvolvimento. É importante não refrear estímulos, mas canalizá-los; o uso do bom senso e do equilíbrio nas orientações se faz necessário para que a criança possa adquirir independência para as tarefas do dia a dia.

Dos cinco aos oito anos, inicia-se a fase de expansão mais social, de convivência com outros grupos, além da família. Aprender a compartilhar, aceitar o outro sem julgar e o compromisso com a verdade permitem que se instaurem valores éticos, imprescindíveis para a vida em sociedade.

Dos 8 aos 12 anos, estabelece-se o julgamento independente, discernimento, insights, a segurança nas escolhas, princípios e valores.

Dos 12 aos 15 anos, a consciência e compreensão permitem interpretar os dados da realidade e a responsabilidade pelos próprios atos. A linguagem firma-se como um instrumento de liberdade.

Essa tomada de consciência traz à luz o compromisso com as escolhas, responsabilidades com o fazer e ser.

A busca pelo diagnóstico, a exploração dos questionamentos, a integração das informações e a tomada de consciência do problema

são etapas do processo que, realizadas, permitem escolhas dos caminhos possíveis para superação, crescimento e transformação da realidade, permitem investir em melhor qualidade de vida, apesar das limitações.

Essas orientações possibilitam à família: reconhecer a comunicação e os transtornos do comportamento como formas para compreender o mundo; aceitar que o diagnóstico em suas diferentes facetas abra caminhos e oportunidades, respeitando os limites.

A família deve acolher, estimular, validar cada comportamento bem sucedido, encorajar o filho diante das dificuldades, fortalecer o sentimento de pertencimento, de que todos nesse grupo trabalham em prol de objetivos comuns e que cada um tem o seu lugar.

As trocas promovem o aprendizado de cada um. O saber dar e receber fortalece e faz seguir fortes nessa empreitada. É fundamental que cada um reflita sobre quem é, o que quer e qual o seu papel. Conhecer-se é fundamental nesse contexto.

É importante ressaltar que a família não está só nessa caminhada. A equipe segue junto: médicos terapeutas e educadores são peças fundamentais dessa engrenagem.

A tríade corpo, mente e circunstâncias é indissociável. O diagnóstico, que faculta conhecer a história da pessoa e do incidente traumático, permite refletir sobre os limites do corpo e sobre a correção dos déficits com a tecnologia disponível (aparelhos, IC, etc), cirurgias, tratamentos, etc.

Corpo e mente em equilíbrio permitem um maior aproveitamento do que as circunstâncias oferecem, do que a vida oferece...podemos apreender e aprender. Podemos transformar a realidade.

Diante do diagnóstico, os pais buscam certezas; diante da insegurança, buscam caminhos que os levem a um porto seguro, mas, muitas vezes, ao invés de assumirem a empreitada, a delegam para os profissionais da equipe que conduz o caso tecnicamente. Assumir a tarefa envolve coragem e desprendimento, envolve riscos, trabalho e muito amor para poder ressignificar os fatos da vida.

É certo que o mundo é apreendido pelos sentidos e que um déficit em qualquer um deles interferirá nesse desenvolvimento rumo

aos diferentes aprendizados. Aprendemos quando lemos, ouvimos, lemos e ouvimos, quando discutimos e conversamos (relatando fatos, perguntando, recordando, reproduzindo, definindo, nomeando, etc.), quando escrevemos (interpretando, expressando) e quando ensinamos. Aprendemos em porcentagens diferentes dependendo dos estímulos, das circunstâncias, interesses, etc., na relação com o outro...em família, na escola, no trabalho, etc.

Não podemos nos limitar ao “suposto” que o transtorno e seu diagnóstico encerram, temos que acreditar que o ser humano é como uma semente: uma promessa em silêncio.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

Cortella MS. Qual é a tua obra? 6. ed. Rio de Janeiro: Vozes; 2007.

Senge P, Cambron-MacCabe N, Kleiner A, Lucas T, Smith B. Escolas que aprendem: um guia da quinta disciplina para educadores, pais e todos que se interessam por educação. Costa RC, tradutor. Porto Alegre: Artmed; 2005.

Senge PM. A quinta disciplina. 25. ed. Rio de Janeiro: Best Seller; 2009.